

PARTIDOS

Impasse sobre presidência do Senado divide PFL

Obstinação de ACM em indicar Sarney como seu sucessor o opõe ao grupo de Bornhausen

CIDA FONTES

BRASÍLIA – O futuro presidente do Senado deverá ser do PMDB, mas é o PFL que está vivendo um dilema político. As conversas realizadas na última semana de “esforço concentrado” do Congresso, antes das eleições municipais, expuseram o impasse e a falta de consenso no segundo maior partido do Senado. O PFL está dividido entre a obstinação do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) em eleger o senador José Sarney (PMDB-AP) para seu sucessor na presidência do Senado e o risco de tornar inviável a candidatura do líder do partido, deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE), para a presidência da Câmara, caso não prospere um acordo entre o PMDB e PFL no Senado.

A votação para a composição da Mesa do Senado acontece no dia primeiro de fevereiro de 2001, um dia antes da eleição para o comando da Câmara.

Os bastidores políticos da sucessão no Senado dividem, mais uma vez, os dois grupos do PFL: o do presidente do partido, senador Jorge Bornhausen (SC), e o de Antonio Carlos Magalhães. A prioridade de Bornhausen é tornar viável a candidatura do líder do partido, deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE), para a presidência da Câmara. Ele chegou até a comentar com parlamentares de sua confiança que, para atingir esse objetivo, estaria disposto a apoiar o nome do líder do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), para a presidência do Senado.

ACM quer Inocêncio no comando da Câmara, mas não aceita acordo com Jader Barbalho, seu inimigo político. Os dois estão rompidos e, no momento, a reconciliação parece remota. Diante disso, os planos de Bornhausen começam a esbarrar em dificuldades dentro do próprio PFL, reforçadas pela intransigência de ACM.

Essa posição radical, segundo parlamentares do PFL, vem aborrecendo também o líder do partido na Câmara. “Isso é uma bobagem, pois Inocêncio tem votos em todos os partidos e sua eleição não depende só do PMDB”, disse ACM em conversa com amigos durante a semana, certo de que uma eventual eleição de Sarney, mesmo que venha a disputar em plenário, não atrapalhará Inocêncio.

A sucessão do Senado e da Câmara foi um dos assuntos tratados, ainda que informalmente, pela cúpula do PFL, em janeiro no início da semana e em outros no Congresso. “O PFL quer sair desse impasse e, ao mesmo tempo, não pretende abandonar ACM caso Sarney decida disputar a presidência do Senado, mesmo sem um acordo dentro do PMDB”, comentou um senador do PFL.

Embora o partido tenha decidido só tratar dessa questão depois das eleições municipais, como declara publicamente Jorge Bornhausen, o assunto já preocupa. O consenso da base aliada do governo para as Mesas do Congresso será decisivo na definição de um eventual candidato da coligação PSDB, PFL e PMDB às eleições presidenciais em 2002.

Pressão familiar – Apesar do empenho e a “certeza” de ACM, há ainda dentro do PFL dúvidas sobre a disposição de Sarney candidatar-se à presidência do Senado, mesmo sem acordo no PMDB. Na outra ponta, a filha de Sarney, a governadora Roseana Sarney, do Maranhão, o pressiona para não concorrer ao Senado. Segundo políticos do PFL ela estaria contrariada com as pressões de ACM, forçando seu pai a assumir uma candidatura que dificultaria seu projeto político.

Os aliados de Roseana afirmam que a candidatura de Sarney significa o sepultamento de suas pretensões de disputar a sucessão de Fernando Henrique Cardoso. Uma eventual disputa no PMDB entre os grupos de Jader e Sarney só serviria para tornar inviável seus planos.

Mas essa versão é afastada por ACM. Ele já disse a interlocutores que, pelo contrário, Roseana já aceitara a candidatura do pai. Sarney, que não é calouro em política, sabe dos riscos do combate. Está num dilema e no centro de uma disputa entre

os senadores Antonio Carlos Magalhães e seu líder Jader Barbalho – que tem o controle da bancada. Terá de ser astuto para não se incompatibilizar com Jader e nem com ACM. Além disso, está no meio dos dois grupos que sustentam o PFL.

“Sarney ele está valorizando o seu cacife”, admite parlamentares do PFL. ACM faz prognósticos otimistas e, reservadamente, afirma que a questão é simplesmente aritmética. Pelos cálculos do presidente do Senado, Sarney teria 50 votos, localiza-

dos na oposição – PT, PDT, PPS e PSB –, que reúne 16 senadores, além dos 22 votos fechados no PFL e apoios das bancadas do PMDB e PSDB.

Reunido na última quinta-feira, o bloco de oposição decidiu que seus votos serão negociados

em torno de um projeto político que simbolize a independência do Senado, como garantiu a senadora Heloísa Helena (PT-AL), líder do bloco. “Não queremos um Senado que funciona como anexo do Palácio do Planalto”, disse.